



Módulo 1

FUNDAMENTO DA NOVA VIDA.



TEMA GERAL

A nova vida em Cristo: nascimento, identificação, comunhão, mordomia e missão.

APRESENTAÇÃO

Este módulo foi organizado para conduzir o participante do GC pelos fundamentos da caminhada cristã. A proposta não é apresentar a fé como um conjunto de regras isoladas, mas mostrar a sequência espiritual que nasce do evangelho:

- Deus gera nova vida pelo Espírito;
- O discípulo responde com arrependimento e fé;
- Essa transformação é confessada publicamente no batismo;
- O novo convertido passa a viver integrado ao Corpo de Cristo;
- Participa da Ceia do Senhor;
- Aprende a reconhecer que tudo o que possui vem de Deus;
- Desenvolve uma vida de fidelidade, generosidade e serviço;
- E se torna parte da missão de Deus no mundo.

O ponto de partida é o novo nascimento. O evangelho não promete apenas uma versão melhorada da antiga vida, mas uma nova identidade em Cristo. Essa nova identidade não permanece invisível ou meramente individual. Ela é **confessada no batismo, amadurece na comunhão da igreja** e se expressa em uma vida de **santidade, gratidão, administração responsável dos recursos que o cristão tem e o compromisso com a missão**.

IDEIA CENTRAL

Quem nasceu de novo não apenas mudou de destino; passou a viver sob o senhorio de Cristo, em comunhão com o Corpo, alimentado pela Palavra e disposto a honrar a Deus com toda a vida.

Todas as referências bíblicas de preferência devem ser lidas na tradução adotada pela Luz Para os Povos Alegrete/RS, (ACF/NVI). Quando este material apresentar uma explicação teológica, o Conector deve retornar ao texto bíblico, ler o contexto e estimular o GC a observar o que a Escritura afirma, o que ela não afirma e como a verdade estudada deve ser praticada.

COMO CONDUZIR CADA ENCONTRO

O material foi pensado para encontros de aproximadamente de 90 a 120 minutos por aula. O Conector pode adaptar o tempo conforme a realidade do grupo, sem perder os quatro movimentos principais: acolher os Conectados, ler a Escritura, compreender a verdade e responder com uma prática concreta, isto é transformar o que foi aprendido em uma atitude específica que a pessoa realizará durante a semana.

VISÃO GERAL DAS QUATRO SEMANAS

SEMANA 1: O MISTÉRIO DO NOVO NASCIMENTO E O BATISMO COMO RESPOSTA PÚBLICA AO ARREPENDIMENTO.

Movimento da Nova Vida:

— Nascer e Confessar.

Resultado esperado:

— O participante compreende que o novo nascimento é obra do Espírito e reconhece o batismo como resposta pública de fé, arrependimento e obediência.

SEMANA 2: A MECÂNICA DA SALVAÇÃO, BATISMO E MEMBRESIA.

Movimento da Nova Vida:

— Ser salvo e pertencer.

Resultado esperado:

— O participante diferencia regeneração, justificação e santificação, e entende que a salvação conduz à comunhão responsável com o Corpo de Cristo.

SEMANA 3: A IMPORTÂNCIA DA CEIA SEGUNDO A ESCRITURA E A GRATIDÃO A DEUS COM OS RECURSOS.

Movimento da Nova Vida:

- Lembrar, discernir e agradecer.

Resultado esperado:

- O participante compreende o significado da Ceia do Senhor e relaciona a gratidão pelo evangelho à mordomia dos recursos.

SEMANA 4: O DÍZIMO NA LEI: ORDEM, OBEDIÊNCIA E BÊNÇÃO; O DÍZIMO NA GRAÇA: JESUS, NOSSO SUMO SACERDOTE.

Movimento da Nova Vida:

- Honrar e Adorar.

Resultado esperado:

- O participante compreende o contexto bíblico do dízimo, a centralidade de Cristo e a diferença entre fidelidade, legalismo, medo e a generosidade consciente.

Seria interessante que o Conector lesse todos os textos durante o GC. O texto serve como base de preparação e como guia para não deixar lacunas importantes. Durante o GC, é recomendável selecionar os **pontos principais, fazer perguntas abertas e evitar que a conversa se transforme em uma aula distante da realidade dos participantes.**



LUZ PARA
OS POVOS



FUNDAMENTO
DA NOVA VIDA



Semana 1

O MISTÉRIO DO NOVO NASCIMENTO E O BATISMO

TEMA

Não é sobre melhorar a vida velha; é sobre receber uma vida nova e confessá-la publicamente.

OBJETIVO

Levar o Conectado a compreender que o novo nascimento é uma obra de Deus no interior da pessoa, essa obra é produzida pelo Espírito Santo, que leva a pessoa ao arrependimento e a fé e o conduzem a uma resposta pública de obediência: o batismo. No GC deve ficar claro que o batismo não é um banho religioso nem um gesto mágico, mas o sinal visível de uma transformação invisível e a identificação pública com a morte e a ressurreição de Jesus.

TEXTOS BÍBLICOS

Texto principal: João 3:1-8; Atos 2:37-41; Romanos 6:3-4.

Textos de apoio: 2 Coríntios 5:17; Ezequiel 36:25-27; Mateus 28:18-20; Colossenses 2:12.

ABERTURA SUGERIDA

Comece perguntando aos Conectados no GC:

“Qual é a diferença entre reformar algo antigo e receber algo completamente novo?”

Permita que as pessoas respondam a partir de situações comuns, como uma casa reformada, um aparelho consertado ou uma mudança de hábitos. Em seguida, explique que Jesus usa uma linguagem muito mais profunda do que a de uma simples reforma natural ou moral. Ele não diz a Nicodemos que algumas melhorias seriam suficientes. Ele afirma que é necessário nascer de novo.

Essa abertura ajudará o Conectado dentro do GC a perceber que a fé cristã não consiste apenas em abandonar alguns comportamentos ruins e adotar comportamentos bons. Uma pessoa pode mudar hábitos, tornar-se mais disciplinada e até frequentar ambientes religiosos sem experimentar a transformação do coração. O evangelho alcança a raiz da pessoa: sua relação com Deus, sua consciência, seus desejos, sua esperança e sua identidade, o evangelho verdadeiro transforma pessoas.

1. A INSUFICIÊNCIA DA RELIGIÃO SEM TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

Nicodemos era fariseu, líder religioso e mestre em Israel. Ele conhecia as Escrituras, possuía reputação e demonstrava interesse por Jesus. Ainda assim, Jesus lhe mostrou que conhecimento religioso, posição social e comportamento externo não substituem o novo nascimento. A pergunta de Jesus não era se Nicodemos precisava de mais informação, mas se ele havia recebido a nova vida dada por Deus aos que nascem de novo.

O encontro de que aparece no Evangelho de João capítulo 3, confronta uma ideia muito comum: a de que o ser humano pode entrar no Reino de Deus simplesmente por **esforço, tradição, moralidade ou pertencimento institucional**. Jesus apresenta outra realidade. O Reino não é conquistado pela capacidade humana; é recebido por aqueles que Deus vivifica e transforma pelo Espírito.

Isso não significa que o comportamento não seja importante. Significa que o comportamento cristão precisa nascer de uma transformação interior. A obediência não compra a salvação; ela se torna fruto da salvação. **A pessoa não pratica boas obras para fabricar uma nova identidade, mas porque, em Cristo, recebeu uma nova identidade que começa a produzir novas obras.**

Deve-se destacar : **religião exterior pode modificar a aparência; o Espírito Santo transforma a natureza e a direção da vida.** A água pode lavar o exterior, mas somente Deus pode purificar o coração e conceder um novo espírito. A promessa de Ezequiel 36 ajuda a compreender essa obra: Deus purifica, remove o coração endurecido, dá um coração novo e coloca o seu Espírito no interior do seu povo.

Ez 36:25-27: "Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis."

2. O NOVO NASCIMENTO É OBRA SOBERANA DO ESPÍRITO

Jesus compara o Espírito ao vento (Jo 3:8). Não vemos o vento diretamente, mas percebemos seus efeitos. Da mesma forma, não controlamos o Espírito Santo nem produzimos a regeneração por nossa própria força. Contudo, quando o Espírito age, sua obra se torna perceptível na mudança de direção, no arrependimento, na fé, no amor por Deus, no desejo de obedecer e na disposição de abandonar o pecado.

A expressão **“nascido da água e do Espírito”** deve ser ensinada com cuidado. Ela não deve ser reduzida a uma fórmula que transforme a água do batismo em instrumento automático de salvação. No conjunto do ensino bíblico, **a água pode apontar para a purificação e para a resposta pública do arrependimento, enquanto o Espírito aponta para a obra interior de regeneração**. O essencial é compreender que a nova vida é produzida por Deus e que essa nova vida se manifesta em uma resposta concreta de fé e obediência.

O novo nascimento não é uma experiência criada pelo entusiasmo de um encontro, pela pressão de outras pessoas ou pela repetição de uma declaração sem compreensão. É a ação graciosa de Deus que desperta o pecador para a realidade do evangelho e o conduz a confiar em Cristo. O participante precisa entender que ninguém se salva por causa da força da própria decisão, mas ninguém deve tratar a graça como desculpa para permanecer indiferente. A graça que salva também chama ao arrependimento e à obediência.

3. ARREPENDIMENTO: MUDANÇA DE MENTE, DIREÇÃO E LEALDADE

Em Atos 2, a pregação de Pedro alcança através da atuação do Espírito Santo o coração dos ouvintes. Eles perguntam o que devem fazer, e Pedro responde chamando-os ao **arrependimento e ao batismo**. O arrependimento bíblico não é apenas remorso, constrangimento ou medo das consequências. É uma mudança profunda de mente e de direção diante de Deus.

Arrepende-se é reconhecer que o pecado não é apenas um erro pontual, mas uma ruptura com o governo de Deus (Rm 5:12). É abandonar a tentativa de justificar a si mesmo e confessar a necessidade da graça. É mudar a maneira de pensar sobre Deus, sobre o pecado, sobre si mesmo e sobre o caminho que se está seguindo. O arrependimento pode envolver tristeza, mas não termina na tristeza (II Co 7:10) ele produz retorno: a pessoa se volta para Deus e se submete ao senhorio de Jesus.

Por isso, o batismo sem arrependimento se torna um gesto vazio! A pessoa pode descer às águas, ser fotografada e receber aprovação social, mas o sinal externo não substitui a realidade interna. Ao mesmo tempo, o arrependimento genuíno não deve permanecer apenas como intenção privada. Quando a pessoa compreende o evangelho e crê em Cristo, ela é chamada a confessar essa fé pública e a obedecer ao mandamento do batismo.

4. O BATISMO COMO RESPOSTA PÚBLICA AO EVANGELHO

Jesus ordenou que seus discípulos fizessem discípulos e os batizassem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28:19,20). Portanto, o batismo não é uma invenção da igreja nem um detalhe opcional para pessoas especialmente comprometidas. É uma ordenança de Cristo e uma resposta de submissão ao seu senhorio.

O batismo torna visível uma verdade espiritual. Ao entrar na água, o discípulo testemunha que se identifica com Cristo em sua morte; ao sair da água, proclama que deseja viver na novidade de vida que Cristo oferece. Em Romanos 6:3,4 o Apóstolo Paulo apresenta o batismo não como uma encenação sem significado, mas como um sinal de união com a morte e a ressurreição de Jesus.

O batismo também é uma confissão diante da igreja e do mundo. O discípulo declara que sua antiga lealdade foi rompida e que agora pertence a Cristo. Essa declaração não significa que a pessoa já alcançou perfeição ou que nunca mais enfrentará tentações. Significa que sua identidade, sua esperança e seu caminho foram entregues a Jesus. O batizado ainda precisará crescer, ser discipulado, confessar pecados e perseverar (I Co 15:1,2), mas já não deseja viver como alguém que não conhece o Senhor.

É importante orientar o Conectado a não enxergar o batismo como um ato de mérito. A pessoa não compra o favor de Deus ao ser batizada. O batismo é obedecido porque Deus salva pela graça e porque o discípulo deseja responder publicamente a essa graça.

O sinal do batismo não substitui a fé, mas expressa a fé; não elimina a necessidade de arrependimento, mas testemunha o arrependimento; não encerra o discipulado, mas inaugura uma caminhada pública de discipulado.

5. UMA NOVA IDENTIDADE EM CRISTO

2 Coríntios 5:17 afirma que, em Cristo, há nova criação. Essa verdade não significa que todas as lembranças, consequências ou lutas desapareçam instantaneamente. Significa que a pessoa passa a estar em uma nova relação com Deus e recebe uma nova direção de vida. O passado deixa de ser o senhor da identidade. A culpa confessada encontra perdão; a escravidão do pecado é confrontada; a esperança passa a estar fundamentada em Cristo.

A nova identidade envolve novos valores e novos desejos. O discípulo passa a desejar a presença de Deus, a verdade da Palavra, a comunhão dos irmãos e a santidade. Essas mudanças podem acontecer em ritmos diferentes, mas devem sempre existir mostrando sinais na vida. Assim como uma criança recém-nascida precisa crescer, a pessoa que nasce de novo precisa ser alimentada pela Palavra, fortalecida na oração, acompanhada pela igreja dentro dos GC's e ensinada a manter uma vida de obediência a Jesus.

O batismo, nesse sentido, não é o ponto final da fé. É uma proclamação inicial de que a nova vida começou e de que o discípulo deseja caminhar com Jesus diante de testemunhas. A Luz Para os Povos assume a responsabilidade de acolher, ensinar, acompanhar e encorajar essa pessoa

PONTOS DE ATENÇÃO PARA O CONECTOR

O Conector deve evitar duas confusões. A primeira é dizer que ser uma pessoa moralmente boa equivale a ter nascido de novo. A segunda é tratar o batismo como um ritual que funciona independentemente da fé e do arrependimento.

- O ensino equilibrado apresenta a ordem bíblica:
- Deus chama e vivifica;
- A pessoa responde com arrependimento e fé;
- A igreja acompanha;
- O discípulo confessa publicamente sua união com Cristo no batismo e prossegue em uma vida de obediência.

Também é importante não pressionar emocionalmente ninguém a se batizar sem entendimento. O objetivo desse módulo das Práticas Diárias é esclarecer, encorajar e encaminhar. Quem deseja ser batizado deve conversar com o Conector e com o Pastor (a) responsável para receber orientação, preparação e acompanhamento.

PERGUNTAS PARA O GRUPO

1. Por que Nicodemos, apesar de sua formação religiosa, ainda precisava nascer de novo?
2. Qual é a diferença entre “ser uma pessoa melhor” e “ser uma nova criatura em Cristo”?
3. Como o arrependimento bíblico é diferente de remorso ou medo das consequências?
4. O que o batismo comunica quando a pessoa entra e sai das águas?
5. O que pode impedir alguém que crê de obedecer ao batismo: vergonha, medo, falta de entendimento, experiências negativas ou outra razão?
6. Que evidências de uma nova direção o Espírito Santo está produzindo em sua vida?

DESAFIO PRÁTICO — INVENTÁRIO DA NOVA VIDA

Durante a semana, cada Conectado deve identificar um hábito, pensamento, relacionamento ou padrão da velha vida que ainda tenta dominar sua caminhada. Em oração, deverá confessar essa área a Deus, declarar sua identidade em Cristo e escolher uma atitude concreta de obediência. A proposta não é fazer uma promessa de força própria, mas buscar ajuda do Espírito Santo, da Palavra e se desejar pode contar com Conector de seu GC.

ENCERRAMENTO SUGERIDO

Ore agradecendo a Deus porque a salvação não depende da capacidade humana de reformar a si mesma. Peça que o Espírito Santo revele o pecado, e produza arrependimento verdadeiro, fortaleça a fé e conduza cada participante a uma confissão pública e consciente de Jesus Cristo como Senhor e Salvador.



Semana 2

A MECÂNICA DA SALVAÇÃO, O BATISMO E A MEMBRESIA

TEMA

Entender o que Deus fez por nós nos dá segurança para viver para Ele e compromisso para viver com o seu povo.

OBJETIVO

Explicar com clareza três dimensões da salvação (**regeneração, justificação e santificação**) e mostrar que a salvação bíblica não produz cristãos isolados. O discípulo salvo é inserido no Corpo de Cristo e chamado a pertencer, servir, receber cuidado e assumir responsabilidades na vida cristã e em sua Igreja local.

TEXTOS BÍBLICOS

Texto principal: Tito 3:4-7; Romanos 5:1; 1 Tessalonicenses 4:3.

Textos de apoio: Romanos 6:3-4; 1 Coríntios 12:12-14; Efésios 4:1-6; Romanos 12:4-5; Hebreus 3:13; Hebreus 10:24-25.

ABERTURA SUGERIDA

Pergunte ao GC: “O que acontece com uma pessoa no momento em que Deus a salva, e o que continua acontecendo depois?”

Muitas pessoas misturam tudo em uma única ideia de “ser salvo”. A Escritura permite organizar o entendimento:

- há uma obra inicial de Deus que concede vida;
- há uma nova posição diante dele;
- há um processo contínuo de transformação prática.

Essa distinção não divide a salvação em partes independentes. Ela ajuda a enxergar a riqueza da obra de Deus. O mesmo Senhor que regenera também justifica e santifica. A salvação é inteiramente pela graça, mas essa graça alcança a pessoa inteira e a conduz a uma vida de obediência e comunhão.

1. REGENERAÇÃO: O INÍCIO DA VIDA ESPIRITUAL

Regeneração é o ato pelo qual Deus concede vida espiritual àquele que estava morto em seus delitos e distante de sua presença. Tito 3:4,7 apresenta essa obra como o lavar regenerador (παλιγγενεσία paliggenesia , a palavra é freqüentemente usada para denotar a restauração de algo ao seu estado primitivo, sua renovação, como a renovação ou restauração da vida depois da morte) , e renovador do Espírito Santo. A regeneração não é apenas a adoção de uma nova filosofia de vida; é a atuação de Deus no centro da pessoa.

A regeneração explica por que o ser humano, antes indiferente ou resistente a Deus, passa a perceber a beleza do evangelho, reconhecer o pecado e desejar confiar em Cristo. Não devemos transformar esse conceito em uma tentativa de localizar um instante emocional específico para provar a salvação. Algumas pessoas lembram o dia e a hora de sua conversão; outras percebem a obra de Deus ao longo de um processo. O importante é que a nova vida produza fé em Cristo e frutos coerentes com essa fé.

A regeneração também muda a relação do discípulo com o pecado. O cristão ainda pode ser tentado e ainda pode cair, mas já não trata o pecado como algo comum ou natural em sua vida diária. O Espírito produz conflito com aquilo que antes era aceito sem resistência e conduz a pessoa à confissão, à dependência e à mudança

2. JUSTIFICAÇÃO: UMA NOVA POSIÇÃO DIANTE DE DEUS

Justificação (Rm 3:24,26 δικαιωω dikaioo declarar, pronunciar alguém justo, reto, ou tal como deve ser) é a declaração de Deus de que o pecador que crê em Cristo é aceito como justo por causa da obra de Jesus. Não se trata de Deus ignorar o pecado nem de afirmar que a pessoa já alcançou perfeição moral. Trata-se de Deus receber o pecador com base na justiça de Cristo, e não no desempenho humano.

É como se estivéssemos em um tribunal e Deus (Juiz) prestes a dar a sentença final pelos nossos pecados ouvisse a declaração de seu filho Jesus assumindo a culpa, e mesmo nós culpados, recebemos perdão nos inocentando por causa do sangue de seu filho, alias essa palavra grega que lemos no início do paragrafo era usada justamente dentro dos tribunais greco-romano para declaração de inocência.

Romanos 5:1 afirma que, tendo sido justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de Jesus Cristo. Essa paz é mais profunda do que uma sensação de tranquilidade. É o fim da inimizade e da condenação que separavam o pecador de Deus. A justificação dá segurança porque sua base está na obra concluída de Cristo, não na oscilação diária das emoções ou no resultado perfeito das nossas ações.

É perigoso confundir justificação com santificação. Se o conectado acreditar que precisa ser suficientemente bom para ser aceito, viverá em medo, comparação e culpa. Se acreditar que, por ter sido justificado, não precisa mudar, transformará a graça em desculpa para a desobediência (Rm 6:1,2). O ensino bíblico mantém as duas verdades: somos aceitos pela graça mediante a fé, e a fé verdadeira inicia uma vida de transformação (Ef 2:5).

3. SANTIFICAÇÃO: O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO

Santificação é o processo pelo qual o Espírito Santo conforma o discípulo à imagem de Cristo (I Ts 4 :3,7 *αγιασμος* *hagiasmos* santificação de coração e vida). Ao contrário da justificação, que descreve uma nova posição concedida por Deus, **a santificação envolve crescimento, disciplina, renúncia, obediência, correção e perseverança.**

A santificação não é uma tentativa de conquistar a aceitação que já recebemos em Cristo. É a resposta agradecida de quem foi alcançado pela graça. Filipenses 2:12-13 apresenta uma tensão saudável: o discípulo desenvolve sua salvação com temor e responsabilidade, porque Deus opera nele tanto o querer quanto o realizar. A iniciativa e a capacitação vêm de Deus, mas a pessoa participa conscientemente por meio de escolhas, hábitos, confissão, comunhão e obediência.

O Conector deve explicar que crescimento cristão não é medido apenas pelo tempo de igreja ou pela quantidade de informação bíblica. **A maturidade aparece na maneira de tratar as pessoas, na capacidade de confessar erros, no domínio próprio, no serviço, na fidelidade, na generosidade e na disposição de obedecer mesmo quando ninguém está observando.**

4. O BATISMO CONECTA A SALVAÇÃO À VIDA COMUNITÁRIA

O batismo é apresentado na primeira semana como resposta pública ao arrependimento. Nesta semana, devemos enfatizar que ele também sinaliza a inserção do discípulo no Corpo de Cristo. Em 1 Coríntios 12, Paulo ensina que, por um só Espírito, **todos foram batizados em um corpo**. Isso significa que a nova vida nunca deve ser entendida como uma experiência individualista.

O discípulo é unido a Cristo e, por consequência, unido aos irmãos. O batismo anuncia: “Eu pertenço a Jesus e reconheço que faço parte de um povo”. A fé cristã possui uma dimensão pessoal, porque cada pessoa precisa arrepender-se e crer. Mas ela não é individualista, porque ninguém foi chamado a seguir Jesus sem vínculos, sem cuidado e sem responsabilidade diante de outros discípulos.

O batismo não significa que todos os conflitos desaparecem. A igreja é uma comunidade de pessoas alcançadas pela graça, ainda em processo de santificação. Por isso, pertencer ao Corpo exige perdão, paciência, verdade, humildade e disposição para crescer junto.

5. MEMBRESIA BÍBLICA: PERTENCER, SERVIR E SER CUIDADO

A membresia bíblica não deve ser reduzida a um cadastro, cartão ou título institucional. Esses instrumentos podem ser úteis para organizar a vida da igreja, mas não definem sozinhos o significado de pertencer. Biblicamente, ser membro é estar ligado a outros membros, compartilhar uma vida comum, receber cuidado, cumprir responsabilidades e servir de acordo com os dons recebidos.

Romanos 12 afirma que somos muitos membros em um só corpo e membros uns dos outros. Essa linguagem comunica interdependência. Um membro não pode afirmar que não precisa dos demais, assim como os demais não devem tratar um membro como descartável. O Corpo cresce quando cada pessoa participa com humildade e amor.

A igreja local é o espaço concreto em que esse pertencimento se torna visível. É ali que o discípulo aprende, adora, participa da Ceia, recebe pastoreio, encontra irmãos, serve, é corrigido e encorajado.

A Igreja é uma realidade ampla, mas o Novo Testamento apresenta comunidades locais com liderança, ensino, disciplina, cuidado dos necessitados, celebração e missão.

Membresia também envolve submissão mútua e responsabilidade. Hebreus 3:13 orienta os irmãos a encorajarem-se diariamente para que ninguém se endureça pelo engano do pecado. Esse cuidado não autoriza controle abusivo, invasão de privacidade ou manipulação. A liderança cristã deve servir com humildade, transparência e fidelidade à Palavra; os membros devem participar com respeito, maturidade e disposição para caminhar em unidade.

6. ESTAR NA IGREJA E SER IGREJA

Estar na igreja pode significar apenas frequentar reuniões.

Ser igreja significa assumir a identidade de povo de Deus e participar da vida do Corpo.

Uma pessoa pode ocupar um lugar na igreja e permanecer distante dos irmãos. Também pode realizar muitas atividades e ainda não viver em amor. O objetivo não é aumentar a agenda, mas formar uma comunidade que reflita Cristo.

O GC é uma oportunidade concreta para essa membresia ser praticada. No pequeno grupo, os Conectados e Conectores aprendem a ouvir, orar uns pelos outros, compartilhar lutas, estudar a Escritura, prestar contas com maturidade e servir. O GC não substitui a Luz para os Povos, mas está dentro dela funcionando como ambiente de cuidado e discipulado.

O Conectado deve compreender que membresia não é uma exigência burocrática para receber benefícios. É uma resposta ao evangelho. Porque fomos recebidos por Cristo, recebemos uns aos outros. Porque pertencemos a Jesus, não tratamos os irmãos como consumidores ou prestadores de serviços religiosos. Somos uma família e um corpo em missão.

PONTOS DE ATENÇÃO PARA O CONECTOR

Ao explicar a mecânica da salvação, não apresente regeneração, justificação e santificação como uma escada que permite ao ser humano conquistar Deus. A sequência correta é uma descrição da graça: **Deus vivifica, Deus justifica e Deus santifica, conduzindo o discípulo a cooperar com o Espírito Santo nessa nova Vida.**

Ao ensinar membresia, não transforme a igreja local em objeto de culto nem apresente a instituição como substituta de Cristo. A igreja pertence a Jesus e deve permanecer debaixo de sua Palavra. Ao mesmo tempo, não valide a idéia de um cristianismo sem Igreja, sem prestação de contas e sem compromisso. A Bíblia une pertencimento a Cristo e pertencimento ao seu povo.

PERGUNTAS PARA O GRUPO

1. Como você explicaria, com suas próprias palavras, a diferença entre regeneração, justificação e santificação?
2. Por que é perigoso confundir justificação (o que Deus fez por nós) com santificação (o processo em que somos transformados)?
3. Como a certeza de que somos aceitos pela graça nos ajuda a não desistir quando falhamos?
4. O que o batismo comunica sobre nossa união com Cristo e com os demais membros do Corpo?
5. Qual é a diferença entre estar presente em uma igreja e viver como parte responsável da igreja?
6. De que maneira o GC pode ajudar você a receber cuidado e também a cuidar de outras pessoas?

DESAFIO PRÁTICO — UM PASSO DE PERTENCIMENTO

Cada participante deve escolher uma prática de pertencimento para realizar durante a semana. Pode ser procurar alguém que está afastado, oferecer ajuda concreta, participar de uma atividade da igreja, pedir acompanhamento espiritual, compartilhar uma luta com maturidade ou começar a servir em uma área compatível com seus dons.

A prática deve expressar três movimentos: estar disponível, assumir responsabilidade e servir com amor. O objetivo não é produzir ativismo, mas ensinar que a salvação recebida em Cristo nos conduz a uma vida compartilhada.

ENCERRAMENTO SUGERIDO

Ore agradecendo a Deus pela salvação completa: pela vida concedida pelo Espírito, pela paz com Deus mediante a justificação e pelo processo de santificação. Peça também que o grupo cresça em unidade, cuidado e serviço, sem isolamento e sem dependência de uma instituição separada da vida de Cristo.



LUZ PARA
OS POVOS



FUNDAMENTO
DA NOVA VIDA



Semana 3

A IMPORTÂNCIA DA CEIA SEGUNDO A ESCRITURA E A GRATIDÃO A DEUS COM OS RECURSOS

TEMA

A mesa do Senhor nos faz lembrar da graça recebida e nos ensina a responder com gratidão, fidelidade e generosidade.

OBJETIVO

Ensinar o significado bíblico da Ceia do Senhor como memória do sacrifício de Cristo, proclamação do evangelho, comunhão com o Corpo e esperança da volta de Jesus. A partir dessa compreensão, conduzir o participante a reconhecer que seus recursos pertencem a Deus e devem ser administrados como resposta de gratidão, e não como tentativa de comprar bênçãos ou aliviar culpa.

TEXTOS BÍBLICOS

Texto principal: 1 Coríntios 11:23-32

Textos de apoio: Lucas 22:14-20; 1 Coríntios 10:16-17; Atos 2:42; Atos 20:7; Deuteronômio 8:10-18; 1 Crônicas 29:11-14; Mateus 6:19-21; 2 Coríntios 9:6-8.

ABERTURA SUGERIDA

Pergunte: “Por que as pessoas criam memoriais, fotografias e celebrações para não esquecer acontecimentos importantes?” Depois, explique que Jesus estabeleceu a Ceia para que sua igreja se lembrasse continuamente da cruz. A Ceia não é uma repetição do sacrifício de Cristo, porque a obra de Jesus é suficiente e não precisa ser refeita. Ela é uma celebração ordenada pelo próprio Senhor para que a comunidade se recorde, proclame e viva à luz do evangelho.

Em seguida, faça a conexão com os recursos: quando lembramos que fomos comprados pelo sangue de Cristo, compreendemos que nenhuma área da vida pode ser tratada como propriedade absoluta e independente de Deus. A Ceia reorienta a memória, o coração e as prioridades. Ela nos lembra de que recebemos tudo pela graça e, por isso, aprendemos a administrar tudo como mordomos.

1. A CEIA FOI INSTITUÍDA POR JESUS

Na noite em que foi traído, Jesus tomou o pão e o cálice e os relacionou diretamente ao seu corpo entregue e ao seu sangue derramado. A Ceia nasce no contexto da paixão de Cristo. Ela não é uma cerimônia criada para celebrar a capacidade dos discípulos, mas uma refeição que aponta para a entrega do Salvador.

O pão e o cálice não devem ser tratados de maneira supersticiosa. O significado está na promessa de Cristo e na fé da Igreja reunida como corpo que participa obedientemente. A Ceia é santa porque anuncia uma obra santa: a morte de Jesus em favor de pecadores e a inauguração da nova aliança.

O Conector deve explicar que diferentes tradições cristãs possuem compreensões distintas sobre a maneira da presença de Cristo na Ceia. Este material enfatiza os elementos comuns e centrais do texto bíblico: Jesus ordenou a celebração; a igreja deve lembrar-se dele; a Ceia proclama sua morte; a participação requer reverência, fé, discernimento e comunhão.

2. A CEIA É MEMÓRIA ATIVA DO EVANGELHO

Quando Jesus diz “faça isto em memória de mim”, a memória bíblica não é uma lembrança fria do passado. É trazer a obra de Deus para o centro da consciência e permitir que ela interprete o presente. A igreja se reúne à mesa para lembrar que sua salvação não foi conquistada por desempenho, dinheiro, tradição ou merecimento. Ela foi recebida por causa do corpo entregue e do sangue derramado de Cristo.

Essa memória combate a amnésia espiritual. O Conectado pode começar a confiar em sua própria força, comparar-se com outros, ser dominado pela ansiedade ou medir seu valor pelo que possui. A Ceia o chama de volta à cruz. Ali, todos reconhecem que dependem da graça. O rico e o pobre, o antigo membro e o recém-convertido, o Conector e o Conectado se aproximam da mesma mesa pela mesma misericórdia.

A Ceia também cura uma visão triunfalista da vida cristã. O centro da fé não é a ausência de problemas, mas a presença de Cristo e a esperança de sua vitória. A igreja celebra a cruz sabendo que o Senhor ressuscitou e voltará. Por isso, a Ceia é memória, anúncio e esperança.

3. A CEIA PROCLAMA A MORTE DO SENHOR

Paulo ensina que, ao participar do pão e do cálice, a igreja proclama a morte do Senhor até que ele venha. A Ceia é uma pregação visível. Ela comunica que o pecado é sério, que o amor de Deus é imenso, que o sangue de Cristo estabelece a nova aliança e que a história caminha para a volta do Rei triunfante.

Essa proclamação possui uma dimensão pública. A igreja não se reúne somente para fortalecer emoções internas; ela testemunha que a cruz é a base da reconciliação com Deus e da reconciliação entre pessoas. Ao participar da Ceia, o discípulo reafirma que sua esperança não está em ideologias, riqueza, poder, reputação ou religiosidade, mas no Cristo crucificado e ressuscitado.

A Ceia também corrige a relação com os recursos. **Se Jesus entregou a si mesmo, o discípulo não pode tratar o dinheiro como o maior senhor de sua vida.** Isso não significa que possuir recursos seja pecado ou que a vida cristã exija irresponsabilidade financeira. Significa que os recursos devem ocupar o lugar correto: são instrumentos sob a administração de Deus, não deuses que definem identidade, segurança e valor.

4. A CEIA EXIGE AUTOEXAME E DISCERNIMENTO

Em 1 Coríntios 11, Paulo não manda o cristão examinar-se para decidir se alcançou perfeição. O autoexame serve para discernir o corpo, reconhecer a seriedade da celebração e abandonar atitudes incompatíveis com o evangelho. A igreja de Corinto estava transformando a Ceia em ocasião de egoísmo e humilhação dos pobres. O problema não era apenas a forma da cerimônia; era a contradição entre a mesa do Senhor e a maneira como os irmãos tratavam uns aos outros.

Participar dignamente não significa ser digno por mérito próprio. Ninguém se aproxima da Ceia porque não tem pecado. Aproximamo-nos porque Cristo é suficiente, confessando pecados, abandonando hipocrisia e buscando reconciliação. Participar indignamente é tratar com desprezo aquilo que a Ceia anuncia, manter uma postura deliberada de arrogância e injustiça ou participar sem discernir que a igreja é um corpo reconciliado pela cruz.

O autoexame inclui a relação com os recursos. O participante deve perguntar: tenho tratado o dinheiro como dono absoluto? Estou retendo por medo tudo o que Deus me confiou? Tenho usado meus recursos para ferir, explorar ou humilhar? Tenho negligenciado necessidades reais enquanto mantenho uma aparência de espiritualidade? A Ceia nos conduz à confissão e a decisões práticas de justiça, cuidado e gratidão.

5. A CEIA É COMUNHÃO COM CRISTO E COM O CORPO

1 Coríntios 10 relaciona o cálice e o pão à comunhão com o sangue e o corpo de Cristo, e afirma que, sendo muitos, somos um só corpo porque participamos de um só pão. A Ceia não é um ato individual praticado lado a lado por pessoas isoladas. É uma celebração comunitária.

Isso tem implicações para o modo como tratamos os irmãos. Não podemos celebrar a reconciliação com Deus enquanto cultivamos desprezo, divisões e indiferença diante do Corpo. **A Ceia não exige que todos os conflitos estejam resolvidos de forma instantânea, mas chama-nos a abandonar a vingança, buscar a verdade, pedir perdão, oferecer perdão e agir com amor.**

A comunhão também amplia a gratidão. Ninguém recebe a nova vida sozinho. Há uma comunidade que ensinou, orou, acolheu, corrigiu e serviu. A gratidão a Deus inclui reconhecer as pessoas por meio das quais Deus nos abençoou e tornar-nos instrumentos de cuidado para outras pessoas.

6. A GRATIDÃO COMO FUNDAMENTO DA MORDOMIA

A gratidão cristã não é uma técnica para produzir prosperidade. É uma resposta ao reconhecimento da graça. Deuteronômio 8 adverte o povo a não esquecer que é Deus quem dá força para adquirir riquezas. 1 Crônicas 29 reconhece que tudo vem do Senhor e que, das próprias mãos de Deus, o povo devolve aquilo que recebeu.

Essa visão muda a pergunta. Em vez de perguntar apenas **“quanto é meu?”**, o discípulo pergunta: **“Como Deus deseja que eu administre o que colocou em minhas mãos?”** A mordomia inclui renda, tempo, dons, trabalho, bens, influência, conhecimento e oportunidades. Os recursos financeiros são uma parte importante, mas não esgotam o tema.

A gratidão não nega as dificuldades econômicas. Há pessoas enfrentando desemprego, dívidas, enfermidades e responsabilidades familiares legítimas. O ensino sobre recursos deve ser conduzido com sensibilidade, sem constranger, expor ou comparar pessoas. Fidelidade não é medida por ostentação nem por valores absolutos, mas pela atitude de dependência, honestidade, responsabilidade e amor.

Dar por gratidão também não significa dar para comprar uma resposta de Deus. Deus não é comerciante, e a oferta não é uma transação que obriga o Senhor a cumprir desejos humanos. **A graça não pode ser manipulada.** A contribuição cristã nasce da adoração e busca honrar a Deus, sustentar a missão, cuidar de pessoas e expressar confiança nele.

7. RECURSOS COMO INSTRUMENTO DE ADORAÇÃO

Mateus 6 ensina que o coração acompanha o tesouro. Isso não significa que cada gasto revela perfeitamente a condição espiritual de uma pessoa, mas mostra que as prioridades financeiras podem revelar amores e dependências. A maneira como administramos recursos pode fortalecer ou enfraquecer nossa liberdade, nosso cuidado com a família, nossa capacidade de servir e nosso compromisso com o Reino.

A gratidão prática envolve organizar o orçamento, honrar compromissos, evitar o desperdício, trabalhar com honestidade, cuidar da família, ajudar os necessitados, contribuir com a igreja. Uma pessoa não se torna fiel apenas por entregar uma quantia; ela precisa aprender a viver de maneira coerente com a confissão de que Deus é o Senhor de tudo.

A generosidade é uma disciplina que combate o egoísmo e a ansiedade. Ao repartir, o cristão declara que sua segurança final não está na acumulação. Ele reconhece que Deus pode suprir, que os irmãos importam e que os recursos devem produzir ações de amor. 2 Coríntios 9 ensina que Deus é poderoso para suprir e fazer abundar recursos para toda boa obra, não para alimentar vaidade, mas para ampliar a capacidade de servir.

PONTOS DE ATENÇÃO PARA O CONECTOR

Não use a Ceia para pressionar emocionalmente o grupo a contribuir financeiramente. A conexão entre Ceia e recursos deve ser teológica e pastoral:

- a cruz revela a graça;
- a graça produz gratidão;
- a gratidão conduz à mordomia.

Não se deve insinuar que uma pessoa será curada, enriquecida ou protegida automaticamente porque contribuiu em determinado momento.

Não trate pessoas em dificuldade como menos espirituais. A igreja deve ensinar fidelidade, mas também deve acolher, orientar e, quando necessário, ajudar. A Igreja que celebra a mesa do Senhor precisa cuidar dos vulneráveis e organizar sua vida financeira com verdade, transparência e responsabilidade.

PERGUNTAS PARA O GRUPO

1. O que Jesus deseja que a igreja nunca esqueça ao participar da Ceia?
2. Por que a Ceia é mais do que uma lembrança individual e também envolve a comunhão do Corpo?
3. O que significa examinar-se antes de participar, sem transformar o autoexame em uma busca por perfeição?
4. De que maneira a cruz corrige nossa relação com dinheiro, bens e segurança?
5. Como você explicaria a diferença entre contribuir por gratidão e contribuir para tentar comprar uma bênção?
6. Que área da sua mordomia (dinheiro, tempo, dons, trabalho ou cuidado com pessoas) precisa ser reorganizada à luz do evangelho?

DESAFIO PRÁTICO — INVENTÁRIO DA GRATIDÃO E DA MORDOMIA

Durante a semana, cada Conectado deve registrar três motivos de gratidão a Deus e uma área específica de seus recursos que precisa ser administrada com mais fidelidade. Em seguida, deverá escolher uma atitude prática: organizar um orçamento, regularizar uma contribuição, ajudar uma pessoa necessitada, cancelar um desperdício, separar tempo para servir ou conversar com o Conector que possa oferecer orientação responsável.

Nossa celebração da Ceia é sempre no primeiro domingo de cada mês na Luz Sede, o conectado deve nesse dia aproximar-se com reverência, fé, arrependimento e gratidão, lembrando que a mesa aponta para Cristo e para o compromisso de viver em comunhão com o Corpo.

ENCERRAMENTO SUGERIDO

Ore agradecendo pelo corpo entregue, pelo sangue derramado, pela nova aliança e pela esperança da volta de Jesus. Peça que Deus livre o grupo da avareza, do medo, da ostentação e da culpa manipuladora, formando pessoas gratas, responsáveis e generosas.



Semana 4

O DÍZIMO NA LEI: ORDEM, OBEDIÊNCIA E BÊNÇÃO; O DÍZIMO NA GRAÇA: JESUS, NOSSO SUMO SACERDOTE

TEMA

Honramos a Deus com nossos recursos porque tudo pertence a Ele e porque Jesus, nosso Sumo Sacerdote eterno, é o centro da nossa adoração.

OBJETIVO

Apresentar o desenvolvimento bíblico do dízimo, começando pelo reconhecimento de Deus na experiência de Abraão, passando pela regulamentação na Lei de Moisés e chegando à centralidade de Jesus como Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. O Conector deve ensinar fidelidade sem legalismo, generosidade sem manipulação e responsabilidade sem promessas simplistas.

TEXTOS BÍBLICOS

Texto principal: Levítico 27:30; Malaquias 3:8-12; Hebreus 7:1-4, 5-8, 24-25.

Textos de apoio: Gênesis 14:18-24; Gênesis 28:20-22; Números 18:21-24; Deuteronômio 14:22-29; Mateus 23:23; 2 Coríntios 8:1-5; 9:6-8.

ABERTURA SUGERIDA

Pergunte: “Quando entregamos algo a Deus, estamos dando a ele algo que antes era nosso ou reconhecendo que tudo veio dele?” Essa pergunta ajuda o grupo a deslocar o foco de uma negociação financeira para entender que ser generoso também é um ato de adoração. O dízimo deve ser estudado no contexto da soberania de Deus, da aliança, da responsabilidade do povo, do sustento do serviço do templo e do cuidado com os necessitados.

Explique desde o início que este encontro não deve ser usado para constranger pessoas, expor salários, prometer enriquecimento ou transformar a igreja em uma instituição dependente de pressão. O objetivo é formar homens e mulheres que reconheçam Deus como Senhor de tudo, administrem os recursos com honestidade e contribuam com fé para que a obra de Deus não tenha necessidade, pois o mundo em que vivemos é idólatra e faz do dinheiro um deus (Mamom Mt 6:24).

1. O RECONHECIMENTO DE ABRAÃO ANTES DA LEI

Gênesis 14 relata que Abraão, depois de uma vitória, encontrou Melquisedeque, rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo. Melquisedeque abençoou Abraão, e Abraão entregou a ele o dízimo de tudo. O texto mostra o dízimo antes da Lei de Moisés e relaciona a entrega ao reconhecimento da bênção e da vitória recebidas de Deus. Jacó outro exemplo antes da lei mosaica entregou ao Senhor o dízimo fazendo com Deus um acordo de 5 itens descritos em Gênesis 28:20,22.

Abraão não é apresentado como alguém tentando comprar a proteção divina. Ele acabara de experimentar a ação de Deus e respondeu honrando-o. Além disso, recusou apropriar-se da glória e da riqueza como se tudo dependesse exclusivamente de sua força. A atitude de Abraão confronta a mentalidade de autossuficiência e ensina que os recursos devem ser vistos à luz da providência de Deus.

Hebreus 7 retoma esse episódio para mostrar a superioridade de Melquisedeque e preparar a compreensão do sacerdócio de Cristo. O texto não deve ser usado de maneira simplista para afirmar que cada detalhe da experiência de Abraão funciona como uma fórmula financeira. O princípio destacado **é o reconhecimento de que Deus é a fonte, o Senhor é digno de honra e a adoração alcança também a administração dos bens.**

2. O DÍZIMO NA LEI: ALGO SANTO AO SENHOR

Levítico 27:30 declara que o dízimo da terra e dos frutos é santo ao Senhor. Na Lei, o dízimo está ligado à estrutura da aliança de Israel, ao culto, ao sustento dos levitas e à organização da vida do povo. Números 18 apresenta a provisão para os levitas, que não receberam uma herança territorial da mesma forma que as outras tribos, mas foram separados para o serviço relacionado ao tabernáculo.

Deuteronômio também relaciona os dízimos à celebração diante de Deus e ao cuidado com levitas, estrangeiros, órfãos e viúvas. Portanto, o dízimo na Lei não deve ser reduzido a uma transação privada entre o indivíduo e uma instituição. Ele fazia parte de um sistema de adoração, justiça, sustento ministerial e cuidado comunitário.

A palavra “santo” indica que aquilo que é separado para Deus não deve ser tratado como comum ou disponível para qualquer finalidade. Esse princípio confronta a ideia de que o dinheiro pode ser usado sem discernimento e que a adoração fica restrita às palavras cantadas no culto. O povo deveria honrar a Deus também por meio da maneira como separava e destinava os recursos.

3. MALAQUIAS: ORDEM, OBEDIÊNCIA E BÊNÇÃO

Em Malaquias 3, Deus acusa o povo de retê-lo ao reter dízimos e ofertas. O problema não era apenas contábil. A retenção revelava uma ruptura de confiança, honra e obediência. O povo participava da religião, mas não levava a sério a aliança em sua vida prática.

Deus chama o povo a trazer os dízimos à casa do tesouro para que houvesse mantimento. O texto destaca o propósito: a casa de Deus não deveria ficar sem provisão para o serviço que lhe havia sido confiado. Em seguida, aparece a linguagem das janelas do céu e da repreensão do devorador. Esse texto deve ser ensinado com reverência e equilíbrio.

A bênção de Malaquias não autoriza a promessa de riqueza instantânea a todos os dizimistas, nem permite afirmar que toda dificuldade financeira é prova de infidelidade. **A Escritura inteira mostra que pessoas fiéis podem atravessar escassez, perseguição, enfermidade e perdas.** A fidelidade não transforma Deus em devedor do ser humano.

A bênção bíblica inclui a presença de Deus, a provisão necessária, a capacidade de frutificar, a proteção contra o desperdício e a participação em sua obra. Deus pode abençoar materialmente, mas não deve ser reduzido a uma fonte de enriquecimento. O Conector precisa proteger o grupo de dois extremos: tratar o dízimo como uma superstição e tratá-lo como uma garantia mecânica de prosperidade.

4. OBEDIÊNCIA E ORGANIZAÇÃO DOS RECURSOS

A disciplina do dízimo pode ensinar o Conectado a reconhecer prioridades, organizar o orçamento e separar primeiro aquilo que será destinado à adoração e à missão. Contudo, a prática deve vir acompanhada de honestidade. Não é coerente entregar uma porcentagem enquanto se mantém fraude, exploração, sonegação, endividamento irresponsável ou negligência das necessidades básicas da família.

O princípio da obediência não elimina a necessidade de planejamento. Uma pessoa pode precisar reorganizar despesas, buscar aconselhamento, renegociar dívidas e construir hábitos financeiros saudáveis. A igreja não deve oferecer fórmulas fáceis para problemas complexos. Ela deve ensinar a verdade, acolher sem ter vergonha e encaminhar as pessoas para ajuda adequada quando necessário.

A contribuição também requer transparência por parte da igreja. Se os recursos são destinados ao sustento do ministério (e daqueles que vivem do ministério), ao cuidado dos necessitados e à missão que a igreja faz em sua cidade ou até na ajuda espiritual e material em outras cidades, os pastores devem administrar esses valores com integridade e responsabilidade. A fidelidade do contribuinte não dispensa a responsabilidade dos líderes.

5. JESUS E O SACERDÓCIO SEGUNDO A ORDEM DE MELQUISEDEQUE

Agora indo para a Nova Aliança em Hebreus 7 retoma Melquisedeque e apresenta Jesus como Sacerdote segundo uma ordem superior e permanente. Os sacerdotes levíticos eram mortais e se sucediam; Cristo vive para sempre e exerce um sacerdócio que não passa a outro. Ele intercede por seu povo e é o fundamento de nossa aproximação com Deus.

Essa verdade muda o centro da conversa sobre o dízimo. O Cristão não entrega recursos apenas a uma instituição, a um orçamento ou a um líder humano. Ele adora a Deus por meio de Jesus sendo participe da igreja onde congrega e foi acolhido, tendo entendimento real da sua missão, sua fé está em Cristo. Jesus é o Sumo Sacerdote eterno, e toda a adoração cristã encontra nele sua referência.

A conexão entre Abraão, Melquisedeque e Cristo deve ser explicada sem transformar Hebreus 7 em um argumento isolado de arrecadação. O autor de Hebreus está ensinando a superioridade de Cristo, a eficácia de seu sacerdócio e a segurança da nova aliança. A aplicação financeira legítima é que os recursos do Crente devem ser submetidos ao senhorio de Jesus e oferecidos como ato de adoração, nunca como tentativa de manipular o trono da graça.

6. O DÍZIMO NA GRAÇA: ALÉM DO MEDO E DO LEGALISMO

Falar sobre o dízimo na graça não significa dizer que a graça torna o discípulo menos comprometido. A graça remove a tentativa de conquistar Deus por obras, mas produz uma obediência mais profunda, voluntária e consciente. O Cristão não entrega para escapar de uma maldição por meio de uma fórmula; entrega porque reconhece o senhorio de Cristo e deseja participar daquilo que Deus está fazendo.

A graça também impede que a porcentagem seja tratada como limite máximo de generosidade. O dízimo pode funcionar como referência de disciplina e honra, mas a nova aliança chama o cristão a oferecer a si mesmo ao Senhor. Em 2 Coríntios 8, as igrejas da Macedônia deram a si mesmas primeiro ao Senhor. Essa ordem é importante: antes da oferta financeira, existe a entrega da vida.

Ao mesmo tempo, ensinar “graça” não deve servir para justificar avareza. **Uma pessoa não pode usar a liberdade cristã como desculpa para nunca contribuir, nunca repartir e nunca ajudar sustentar a obra de Deus e sua igreja.** A pergunta madura não é simplesmente “qual é o mínimo para cumprir uma regra?”, mas “como posso honrar a Cristo com meus recursos, considerando minha realidade, minhas responsabilidades e as necessidades da obra de Deus?”

O Conector deve apresentar o dízimo com convicção, mas sem coerção. Cada participante deve ser orientado a estudar a Escritura, orar, organizar sua vida e responder conscientemente ao senhorio de Jesus. A prática deve ser acompanhada de alegria, simplicidade, fidelidade e responsabilidade.

7. JESUS É O CENTRO DA OFERTA

Quando o Cristão madura na fé entrega o dízimo e a oferta, deve compreender que está praticando adoração. O dinheiro não é o centro da reunião, e o ato de contribuir não é uma forma de adquirir status espiritual. A oferta é um testemunho de que Cristo é mais valioso do que o recurso entregue. Jesus é o nosso Sumo Sacerdote porque vive, intercede e garante acesso a Deus. A segurança financeira última não está no saldo, no emprego, no patrimônio ou na capacidade humana de controlar o futuro. Ela está no Deus que sustenta seu povo e no Cristo que reina. Essa segurança não elimina o trabalho e a prudência; liberta o discípulo do desespero de transformar dinheiro em salvador.

Uma oferta cristã pode ser silenciosa, simples e sacrificial. Ela pode sustentar a pregação da Palavra, manter um espaço de culto, apoiar obreiros, socorrer uma família, financiar uma ação missionária ou atender uma necessidade concreta. O valor não deve ser usado para medir o amor da pessoa, e ninguém deve ser humilhado por contribuir pouco (Lc 21:1,4). Jesus observa o coração, a fé e a coerência da vida.

8. O EQUILÍBRIO BÍBLICO: FIDELIDADE, JUSTIÇA E MISERICÓRDIA

Em Mateus 23:23, Jesus confronta líderes religiosos que eram cuidadosos em detalhes externos, mas negligenciavam justiça, misericórdia e fé. O ensino de Jesus não autoriza abandonar a fidelidade; ele impede que uma prática religiosa seja usada para esconder uma vida sem amor. A contribuição precisa caminhar com justiça, misericórdia, verdade e cuidado.

Assim, o Conectado no GC deve perguntar se não apenas entregou algo, mas se está vivendo de maneira coerente com o Deus que adora. Está tratando trabalhadores com justiça? Está honrando compromissos? Está cuidando de sua família? Está atento aos pobres? Está usando recursos para promover o bem? Está sustentando a Obra de Deus (Igreja)? Está disposto a abrir mão de conforto para obedecer?

O dízimo não substitui a generosidade, e a generosidade não deve ser usada para desprezar a disciplina. A vida cristã madura integra ambas: fidelidade regular, planejamento responsável, compaixão espontânea e disposição para sacrificar-se em favor do Reino e das pessoas.

QUADRO DE SÍNTESE PARA O GRUPO

Perspectiva	O que enfatiza	O que deve ser enfatizado
Abraão antes da Lei	Reconhecimento de Deus como fonte e honra ao Senhor.	Tratar o gesto como fórmula automática de prosperidade.
Dízimo na Lei	Santidade, ordem, sustento do culto e cuidado comunitário.	Ignorar o contexto da aliança de Israel ou usar o texto para constranger.
Malaquias 3	Fidelidade, provisão e responsabilidade diante de Deus.	Prometer riqueza garantida ou atribuir toda dificuldade à infidelidade.
Jesus, Sumo Sacerdote	Adoração centrada em Cristo e segurança na nova aliança.	Colocar a instituição ou o líder no lugar de Cristo.
Graça e Generosidade	Entrega voluntária, alegria, sacrifício e participação na missão.	Usar a Graça como desculpa para avareza ou irresponsabilidade.

PONTOS DE ATENÇÃO PARA O CONECTOR

Não peça que os irmãos que estão no GC revelem valores, salários, dívidas ou situações familiares diante do grupo. O estudo é coletivo, mas a aplicação financeira pode exigir conversa reservada e acompanhamento pastoral. Nunca associe valor de contribuição a nível de espiritualidade, cargo, influência ou acesso a privilégios.

Também não prometa que determinada contribuição fará Deus devolver um valor específico. A Bíblia ensina que Deus é provedor e que a generosidade produz frutos (Pv 3:9,10), mas não autoriza manipular pessoas com promessas de retorno financeiro garantido. A igreja deve manter a responsabilidade na administração das ofertas e dízimos.

PERGUNTAS PARA O GRUPO

1. O que Abraão reconheceu ao entregar o dízimo a Melquisedeque?
2. O que significa dizer que o dízimo era "santo ao Senhor" na Lei?
3. Qual era o problema do povo em Malaquias: apenas uma falha financeira ou uma ruptura de confiança e obediência?
4. Como diferenciar fidelidade bíblica de legalismo?
5. O que muda quando entendemos que Jesus é o nosso Sumo Sacerdote eterno?
6. Por que a graça não deve ser usada como desculpa para a avareza?
7. Como podemos unir contribuição regular, generosidade, justiça, misericórdia e responsabilidade financeira?

DESAFIO PRÁTICO — PLANO DE HONRA E FIDELIDADE

Cada Conectado deve fazer uma oração de reconhecimento, declarando que Deus é a fonte de tudo o que possui. Depois, deverá revisar de maneira privada sua administração dos recursos e escolher um passo de fidelidade. Esse passo pode envolver iniciar ou regularizar a prática do dízimo, organizar um orçamento, buscar orientação para sair de dívidas, estabelecer uma contribuição ou separar uma oferta para uma necessidade concreta.

O desafio não deve ser tratado como promessa de enriquecimento. Ele é uma resposta de adoração. Ao contribuir, a pessoa pode orar: “Senhor Jesus, reconheço que tudo vem de tuas mãos. Recebe minha vida e meus recursos. Dá-me sabedoria para administrar, fidelidade para honrar, compaixão para repartir e discernimento para participar da tua grandiosas obra.”

ENCERRAMENTO SUGERIDO

O Conector deve orar reconhecendo Deus como dono de todas as coisas e agradecendo por Jesus, o Sumo Sacerdote eterno, que intercede pelo seu povo. Peça que o GC seja livre da culpa manipuladora, da avareza, da ostentação, do medo e da autossuficiência, e que aprenda a contribuir com fé, alegria, justiça e amor.

COMUNICADO

Esse estudo pertence a Série “PRÁTICAS DIÁRIAS, FUNDAMENTOS DA NOVA VIDA” da Igreja Luz para os Povos Alegrete/RS e foi pensada, pesquisada e desenvolvida e escrita com responsabilidade teológica fundamentada nas Escrituras Sagradas. Portanto fica proibida qualquer reprodução ou distribuição sem a devida autorização do corpo diretivo da igreja Luz para os Povos Alegrete/RS.

Atenciosamente,

Pastor Fabio R. M. Trindade

Me. em Teologia Sistemática/L.do em Filosofia

Alegrete 28 de agosto de 2026.

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

As referências abaixo correspondem aos principais textos utilizados neste material.

- [1] João 3; 2 Coríntios 5; Ezequiel 36
- [2] Atos 2; Romanos 6; Mateus 28
- [3] Tito 3; Romanos 5 e 8; 1 Tessalonicenses 4; Filipenses 2
- [4] 1 Coríntios 12; Efésios 4; Romanos 12; Hebreus 10
- [5] 1 Coríntios 11:23-32
- [6] Os relatos da instituição da Ceia
- [7] Comunhão e celebração da Ceia
- [8] Gratidão, mordomia e generosidade
- [9] Abraão, Melquisedeque e o dízimo antes da Lei
- [10] O dízimo na Lei
- [11] Malaquias 3:8-12
- [12] Jesus, Sumo Sacerdote e nova aliança
- [13] Mateus 23:23
- [14] Generosidade, socorro e cooperação missionária
- [15] A grande comissão e o envio
- [16] Riqueza, cuidado e fé prática